

# **SISTEMA LOCAL DE PRODUÇÃO DE LEITE EM ITAQUI, RIO GRANDE DO SUL: caracterização e diferenciação dos estabelecimentos formais**

**Raquel Berro – Estudante da Unipampa - Itaquí**

**Janaína Balk Brandão – Doutora em Extensão Rural e Professora da Unipampa - Itaquí**

**Raquel Breitenbach – Doutora em Extensão Rural e Professora do IFRS Sertão – E-mail: raquel.breitenbach@sertao.ifrs.edu.br**

**Grupo de Pesquisa:** Estudos setoriais, cadeias produtivas, sistemas locais de produção

## **Resumo**

A região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul tem sua economia baseada na agropecuária, da qual merece destaque o cultivo do arroz irrigado e bovinocultura de corte. Porém, essas atividades que marcaram historicamente a região, vem cedendo gradativamente espaço para a diversificação da produção, pois os agricultores vislumbram novos focos às atividades agrícolas, como é constatado na expansão da produção leiteira da região. No município de Itaquí, a produção de leite em escala comercial pode ser considerada uma atividade relativamente nova, na qual se deposita a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento econômico da região, já que é uma nova alternativa de renda para agricultores familiares que querem diversificar sua matriz produtiva. Objetivou-se, com esse estudo, analisar o perfil dos estabelecimentos formais da bacia leiteira no município de Itaquí, tendo a pretensão de contribuir com futuras formulações de políticas públicas, já que serve de base para identificar potencialidades e restrições para a expansão da produção e da comercialização de leite na região. Foi possível estratificar os produtores e seus estabelecimentos na tipologia sugerida por Gehlen (2000) como “modernos não convencionais” e, com base na Embrapa Gado de Leite (2005), como “sistema de produção intensiva à pasto”.

**Palavras-chave:** alternativa de renda; produção de leite; inserção no mercado formal.

## **1. Introdução**

A cadeia produtiva do leite possui um papel de destaque na sociedade e na economia brasileira, sendo um dos produtos mais importantes da agropecuária brasileira. Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) o leite é considerado um dos produtos com grandes possibilidades de ascensão no Brasil, podendo crescer a uma taxa de 1,9% até 2021, o que corresponde a 38,2 bilhões de litros de leite cru. Da mesma forma, o consumo do produto deverá crescer quase na mesma proporção em que é produzido (MAPA, 2011). Acrescido da importância econômica e nutritiva (sendo este um alimento essencial para algumas faixas da população) o agronegócio do leite desempenha um relevante papel

social na geração de emprego e de renda de produtores e população em geral (CARVALHO, 2002; BARBOSA, 2003).

Dossin (2010) ao analisar os dados da Secretaria de Planejamento (SEPLAG/RS) confirma que o Rio Grande do Sul configura-se como o segundo produtor nacional de leite, atingindo 10,6% da produção nacional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o estado gaúcho produzia em 1990 cerca de 1,4 bilhões de litros, em 2000 chegou a 2,1 bilhões e em 2010 atingiu a marca de 3,6 bilhões de litros.

Os avanços na cadeia láctea como um todo foram grandes nos últimos anos. De acordo com Carvalho (2010), destaca-se como marco nesse setor o pagamento por qualidade, implementação de legislação mais dura em termos de produção com qualidade, coleta a granel, distribuição e consumo, estrutura de fornecedores e internalização. Esses fatores mudaram a forma de produzir e comercializar leite no país.

Para os produtores familiares as mudanças produtivas provocam distintos impactos. Entre estas, destaca-se que nem todos agricultores conseguem acompanhar a demanda da indústria e dos consumidores no que se refere às melhorias na questão da gestão da produção, qualidade e sanidade do produto final. Neste sentido, verifica-se a existência de distintos perfis produtivos, envolvendo produtores de maior porte e altamente tecnificados, até produtores de menor porte e/ou pouco modernizados, ou seja, produtores especializados e não especializados.

De acordo com Fernandes & Lima (1991) para conhecer a realidade das propriedades rurais e encontrar subsídios para gerar e adequar tecnologias compatíveis com esta realidade torna-se necessário ter conhecimento do perfil dessas propriedades. Diante das transformações ocorridas na atividade leiteira e de sua relevância no ambiente agroindustrial, o presente estudo propõe o levantamento e a caracterização dos estabelecimentos formais de produção de leite em Itaquí-RS, tendo como base a sua estrutura e eficiência produtiva. Com este estudo, pretende-se subsidiar futuras pesquisas, bem como formulação de políticas públicas específicas para esse setor, demonstrando como uma região periférica, do ponto de vista da industrialização, pode ou não estar inserida no crescimento da cadeia produtiva do leite.

## **2. Metodologia**

Este Estudo de Caso é composto basicamente de duas partes: uma parte inicial de aprofundamento teórico e metodológico, realizado através de pesquisa bibliográfica e, num segundo momento, da realização de saídas à campo e entrevistas, que possibilitaram a análise

sob diversos ângulos e com mais profundidade do caso específico. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a entrevista semiestruturada, pois as perguntas foram previamente formuladas, permitindo que o entrevistado argumentasse sem restrições.

Da mesma forma, foram buscadas informações nas entidades públicas (Secretaria de Agricultura Municipal e EMATER) e com a empresa privada Brasil Foods. Assim, foram realizadas entrevistas individuais junto aos produtores que possuem estabelecimentos formais de produção de leite. Os entrevistados foram um total de três produtores, um técnico da EMATER, o Secretário da Agricultura do município de Itaqui e um técnico de originação<sup>1</sup> de leite da Empresa privada Brasil Foods (BRF), única empresa a captar o leite no município.

Segundo dados da Secretaria Municipal da Agricultura de Itaqui, o município possui cinco produtores de leite que comercializam o leite de maneira formal, ou seja, entregam sua produção para uma indústria de laticínios. Dessa totalidade de produtores, três deles foram entrevistados, com questionamentos acerca de suas características gerais da produção leiteira em suas propriedades. Destaca-se que não foram entrevistados todos os produtores, devido à recusa de um deles em conceder a entrevista, e por o outro não ter iniciado na atividade leiteira.

Sabe-se de antemão que todos os produtores formais de leite do município são agropecuaristas familiares e possuem para a produção leiteira terras próprias. Cabe destacar que existem produtores de leite no município que não possuem registro na inspetoria veterinária e comercializam o excedente do consumo do meio urbano de maneira informal.

No roteiro básico da realização das entrevistas semiestruturadas, consideraram-se basicamente questões que permitam identificar: 1- aspectos de estrutura familiar; 2 - localização; 3- infra-estrutura disponível; 4- mão-de-obra, sistema de produção (aspectos de sanidade, alimentação dos animais, manejo da produção leiteira e de outras produções existentes); 5- comercialização; e 6-manejo do solo.

Os resultados apresentados têm como base a análise de entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2013, com produtores que trabalham com produção leiteira pertencente ao município de Itaqui. Na organização dos resultados das entrevistas foi possível construir a diferenciação produtiva alicerçada nas distintas condições de produção leiteira de cada um dos produtores entrevistados e suas perspectivas de investimento na atividade. Esta diferenciação construída teve como base o trabalho de Gehlen (2000), sobre os produtores de leite gaúchos, na qual o autor diferenciou os produtores fazendo uso de critérios como mão-

---

<sup>1</sup> Esse profissional tem o intuito de acompanhar, auxiliar e orientar os produtores bem como fechar preços para a compra do leite.

de-obra, gestão e qualificação produtiva e manejo. Como resultado, o autor sugere que os agricultores sejam enquadrados em 4 tipos, conforme descrito a seguir.

<b>Diferenciação das Unidades de Produção Agropecuárias Produtoras de Laticínios</b>	
<b>A) Moderno convencional:</b>	<p>1) Produtor tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; racionalidade de produtor de leite moderno; 2) a produção do leite é estratégica; a mão de obra ocupa-se na maior parte do tempo de trabalho com a produção do leite; na organização sistêmica da propriedade prioriza-se a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá nesta atividade da propriedade; 3) os animais são especializados na produção de leite (raças puras); os equipamentos utilizados e instalações seguem as especificações dos laticínios; a força de trabalho utilizada é qualificada para a produção de leite; a alimentação do animal é balanceada e controlada de acordo com critérios especificados no pacote tecnológico (da agroindústria) e recursos externos, se preocupando muito mais com a produção do que com o equilíbrio energético da propriedade.</p>
<b>B) Moderno não convencional:</b>	<p>1) Produtor tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; racionalidade de produtor de leite moderno; 2) a produção do leite é estratégica; a mão de obra se dedica na maior parte do tempo com a produção do leite; na organização sistêmica da propriedade prioriza-se a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá na atividade leiteira; 3) os animais são de raças leiteiras (não necessariamente puras) mais adaptadas à região; os equipamentos utilizados e suas instalações nem sempre seguem as especificações dos laticínios. Por vezes, opta por equipamentos e instalações adaptados a realidade da sua propriedade; a força de trabalho utilizada é qualificada para a produção de leite; a alimentação do animal é balanceada e controlada de acordo com critérios que levam em conta o equilíbrio energético da própria unidade de produção (procurando importar o mínimo de alimentação</p>

	externa a propriedade).
<b>C) Produtor de transição:</b>	1) está em consolidação, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade, mas ainda não se identifica completamente como produtor moderno nem adota completamente esta racionalidade; sua produtividade não está de acordo com o padrão moderno (dentro de sua região); 2) a produção do leite está se tornando estratégica; a força de trabalho principal está cada vez mais envolvida com esta atividade produtiva; a organização sistêmica da propriedade está se reorganizando em torno da produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá cada vez mais nesta atividade da propriedade, mas ainda não é o principal; 3) no padrão tecnológico deste produtor, os animais são mestiços (ou não especializados) na produção de leite; os equipamentos utilizados e suas instalações ainda são precários, mas eles procuram, na medida do possível, adotar as especificações dos laticínios; a força de trabalho utilizada está se qualificando para a produção de leite e está procurando fazer um balanceamento e controle da alimentação, conforme as necessidades percebidas pelo produtor; pode transitar para moderno convencional ou não convencional, conforme as influências recebidas.
<b>D) Tradicional:</b>	1) consolidado, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; identifica-se como e tem uma racionalidade de produtor de leite tradicional; sua produtividade está de acordo com o padrão tradicional (dentro de sua região); 2) a produção do leite não é estratégica; utiliza a força de trabalho secundária, que ocupa-se com a produção de leite apenas o tempo necessário; na organização sistêmica da propriedade não prioriza a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos da propriedade raramente vai para a produção de leite; no padrão tecnológico deste produtor, os animais não são especializados na produção de leite; os equipamentos utilizados e suas instalações quando existem, são precários; a força de trabalho utilizada orienta-se por métodos tradicionais na produção de leite; a alimentação do animal não é planejada, sendo precária na

maior parte do ano.
---------------------

## **Quadro 1- Diferenciação das Unidades de Produção Agropecuárias Produtoras de Laticínios**

Fonte: Elaborado com base em Gehlen (2000).

Para a classificação quanto ao sistema de produção, foram utilizados os critérios sugeridos pela Embrapa Gado de Leite (2005): sistema extensivo, sistema intensivo a pasto e sistema intensivo em confinamento; a) sistema extensivo é aquele em que os animais tem produção de até 1.200 litros de leite por vaca ordenhada/ano, criados exclusivamente a pasto; b) no sistema intensivo a pasto, os animais tem produção entre 2.000 e 4.500 litros de leite por vaca ordenhada/ano, são criados a pasto com forrageira de alta capacidade de suporte, com suplementação volumosa na época de menor crescimento do pasto; c) já o sistema intensivo em confinamento, os animais tem produção acima de 4.500 litros de leite por vaca ordenhada/ano, mantidos confinados e alimentados no cocho com forrageiras conservadas, como silagens e feno.

Para este trabalho se utilizou das tipologias de Gehlen (2000) e Embrapa Gado de Leite (2005). Porém, cabe destacar que na literatura é possível encontrar diferentes tipologias na busca do entendimento da realidade.

### **3. Revisão de Literatura**

#### **3.1. Conceito de Agricultura Familiar**

Para esta pesquisa foi fundamental que se conhecesse o conceito de agricultura familiar, as diferentes opiniões de autores acerca do tema, permitindo assim que se tivesse uma noção mais clara sobre o grupo estudado. Navarro (2010) aponta a existência de duas origens para o surgimento da expressão agricultura familiar, uma americana e outra européia. Estas duas vertentes, segundo Alfatin (2007) divergem, principalmente, pelo fato de alguns estudiosos definirem a agricultura familiar como um fenômeno social, sem que, necessariamente, tenha origem histórica enquanto outros relacionam a agricultura familiar com o passado camponês e a manutenção de certas características destes bem como de desafios que perduram. Em função disto é bastante comum que se utilize o termo campesinato para se referir à agricultura familiar, conforme destaca Wanderley (2001).

Lopes (2005, p.35) ao analisar a evolução histórica da agricultura familiar conclui que esta sofreu modificações “caracterizando hoje um conjunto bastante heterogêneo de sistemas produtivos, mas é certo que, em todos os países, ela é identificada como aquele segmento da agricultura que efetivamente constitui a base da produção agropecuária”. Schneider (2003, p, 29) define que “...agricultura familiar é uma forma social reconhecida e legitimada na maioria dos países desenvolvidos, nos quais a estrutura agrária é majoritariamente composta por explorações onde o trabalho da família assume uma importância decisiva.” Tinoco (2011) em sua detalhada revisão bibliográfica acerca do tema se permite afirmar que o ponto comum entre as teorias ocorre na medida em que, a grande maioria destas, defende como características marcantes da agricultura familiar a propriedade dos meios de produção e o trabalho realizado pela família. A agricultura familiar faz parte da própria história da humanidade. Por vezes relegada a segundo plano, este segmento do agronegócio adquiriu reconhecimento nas últimas décadas, haja vista as políticas públicas direcionadas para agricultores familiares.

A Lei federal nº 11.326, de 24 de julho de 2006, estabeleceu os conceitos, os princípios e os instrumentos para a formulação das políticas públicas destinadas à agricultura familiar e empreendimentos familiares rurais. Assim, em seu art. 3º, esta lei conceitua como sendo agricultor familiar aquele que: (<http://www.mda.gov.br>)

- I – não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II – utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III – tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;
- IV – dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Essas quatro condições devem ser atendidas de forma cumulativa para que o produtor seja enquadrado na categoria da agricultura familiar. A Lei nº 11.326 não foi o primeiro documento a tratar da agricultura familiar. Através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), instituído pelo Decreto nº 1.946, de 28 de julho de 1996, proporcionou-se uma definição da agricultura familiar bastante utilizada no Brasil. Com base no aprofundamento teórico feito, para esta pesquisa defini-se então a agricultura familiar, como um sistema de produção com gestão familiar, força de trabalho fornecida pela família e onde os meios de produção são pertencentes a esta.

Tem-se ainda o conceito de Pecuária Familiar. Segundo estudos técnicos realizados pela Emater/RS- ASCAR<sup>2</sup>, os critérios para a caracterização do pecuarista familiar são: tenham como principal fonte de renda a criação de bovinos de corte/ovinos e que a maior parte de sua propriedade seja ocupada por essa atividade; a propriedade explorada não tenha mais que 300 hectares; morem na propriedade rural ou em aglomerado urbano próximo; utilizem mão-de-obra familiar. Considera ainda os demais critérios do Pronaf: renda bruta anual não seja superior a R\$ 40 mil; obtenham no mínimo 80% da renda bruta anual da exploração agropecuária e com atividades ligadas à agropecuária (turismo rural, artesanato, agroindústria familiar) do estabelecimento rural.

### 3.2. Produção leite e a agricultura familiar

Segundo Ferrari et al. (2005) a produção de leite vem se transformando e se consolidando como atividade estratégica para a agricultura familiar<sup>3</sup> e para o desenvolvimento local/regional, a ponto de se tornar na nova “atividade âncora” na composição da renda dos agricultores e com grande alcance social devido principalmente: a) alta capacidade de absorção de mão-de-obra; b) agregação de valor na propriedade; c) fácil descentralização espacial e diversidade de escalas das unidades industriais; d) grande alcance social; e) possibilidade de uso econômico e conservacionista de terras “não nobres”. Para Oliveira et al (2005) a importância dessa atividade se manifesta no campo financeiro, já que pode ser uma fonte de renda mensal contribuindo fortemente para o equilíbrio do “caixa” da propriedade. Conforme Pellini et al (2007):

“a produção do leite tornou-se estratégica na agricultura familiar, pois permite uma renda quinzenal ou mensal, que mesmo em pequenos valores, possibilitam a família fazer frente às despesas essenciais como luz; farmácia; compra de alimentos. Mas ela tornou-se essencial para as iniciativas de agroindustrialização do leite, o que a coloca em uma nova condição que suscita novos problemas e desafios. (PELLINI ET AL, 2007, p. 5).

---

<sup>2</sup> Maiores informações em [www.emater.tche.br](http://www.emater.tche.br).

<sup>3</sup> Considerando a diversidade verificada empiricamente e a dificuldade de enquadrar os produtores de leite em agricultores e/ou pecuaristas familiares, o presente trabalho adotou conceitualmente a noção de Agricultor Familiar.

Segundo Okamo et al. (p. 1, 2010) “a maioria dos produtores da cadeia produtiva do leite é composta de pequenos produtores tradicionais e o leite é uma das fontes de receita da propriedade, os investimentos são reduzidos e dificultam adoção das mudanças e avanços, implicando na produtividade da propriedade”. Todavia, segundo os mesmos autores, é possível observar dentro das propriedades uma otimização dos recursos da produção: existem várias propriedades leiteiras que realizam a ordenha manualmente e a vaca serve para o leite, corte e produção de bezerras, sendo a produtividade diária baixa.

Já Finamore et al. (2009) destacam que além de priorizar a produção de animais em detrimento da produção de leite, a administração é feita pelos membros da família e forma bastante precária: os registros são escritos de forma manual e os produtores apresentam uma grande dependência de informações dos técnicos que vão a propriedade. Ademais, segundo Finamore et al. (2009) as dificuldades do segmento familiar que produz leite de forma menos tecnificada também está relacionada com a não contratação de mão-de-obra permanente. A contratação ocorre quando os produtores têm produção superior a 100 litros/dia. Contudo, Gomes (2005) contrapõem afirmando que existem algumas vantagens em não contratar mão-de-obra pelos pequenos produtores ou produtores com baixa produção, tais como: a redução dos custos e a possibilidade sobreviver nas épocas de preço baixo do leite devido ao custo mais baixo comparativamente aos produtores mais capitalizados e que contratam mão-de-obra. Por outro lado, conforme diz Finamore et al (2009) são modelos de baixa capacidade de resposta aos estímulos do mercado, com pouca perspectiva de sobreviver ou persistir ao longo do tempo, pois a demanda do sistema capitalista de produção é de modelos de produção com respostas rápidas e eficientes aos mercados. Por isso, como mostra o trabalho de Finamore et al (2009), é compreensível que os estratos de produtores como menos de 50 hectares estão entre os que mais pretendem deixar de atividade nos próximos anos.

Percebe-se que existem diferenciações nas percepções do autores em termos das perspectivas futuras da atividade leiteira pelos agricultores familiares e sua capacidade de investimentos. De acordo com Lopes (2007) o êxito da atividade leiteira depende de uma série de fatores tanto de dentro como de fora da porteira, ou seja, com informações geradas na propriedade e no mercado. Segundo o autor, é preciso que nas propriedades menores haja eficiência administrativa, planejamento, organização como forma de aumentar a rentabilidade.

Para Ferrari et al (2005) o que ameaça os produtores (especialmente os com baixa produção) de se manter no mercado são as exigências de qualidade, a forma de pagamento pelo leite (por volume), forma de cobrança do frete e o acesso privilegiado por parte dos produtores mais capitalizados aos instrumentos tradicionais de políticas públicas (crédito,

assistência técnica, pesquisa, ações de fomento e controle sanitário). Com isto, os produtores precisam ser cada vez mais eficientes, terem conhecimento de mercado, procurar aumentar sua produção otimizando custos, investir em cursos de gestão da propriedade e trabalhar com planejamento antecipado dos recursos.

#### **4. Análise do perfil dos estabelecimentos formais da bacia leiteira no município de Itaqui**

Na Fronteira Oeste, segundo dados da AMFRO (Associação dos Municípios da Fronteira Oeste) cedidos pela secretaria da Agricultura de Itaqui, somente três municípios não produzem leite, dos treze que o compõem, o município de Itaqui ainda não tem uma produção expressiva, visto que é uma atividade em crescimento no município. Segundo o Secretário Municipal da Agricultura, dos cinco produtores de leite, apenas um ainda não produz, pois está em fase de implantação da atividade.

De acordo com a pesquisa de campo, somente um dos produtores tem mais de dez anos na atividade, dois deles menos de sete, e um está em processo inicial, o que comprova que a atividade está em fase de implantação no município. Os produtores entrevistados possuem idade entre 30 e 70 anos. Em relação à mão-de-obra disponível nos estabelecimentos para a realização das atividades produtivas e domésticas, o Produtor 1 utiliza mão-de-obra familiar, e contratada eventualmente, há uma predominância de mulheres (três) e suas filhas tem nível superior. Na propriedade do Produtor 2, duas filhas ajudam na propriedade e estudam na cidade e também há uma predominância de mulheres nesta família (três contando com a esposa), eles também utilizam mão-de-obra contratada e também possuem nível superior de estudo. O Produtor 3 utiliza mão-de-obra contratada (uma pessoa) e tem nível superior. Nestes casos específicos, boa parte dos filhos que ajudam ou trabalham com os pais podem ser considerados sucessores das propriedades.

O trabalho de campo nos estabelecimentos produtores de leite no município de Itaqui revelou para além das características socioeconômicas as suas características produtivas. Nesse sentido, no que diz respeito aos meios utilizados para a produção do leite, a pesquisa mostrou que 3 produtores possuem ordenhadeira mecânica para a ordenha das vacas, conforme aponta a Tabela 1, o que proporciona agilidade nesse trabalho. No que se trata do resfriador à granel, transferidor, vagão forrageiro, picadeira, arado, roçadeira, balança de gado e equipamentos de inseminação, todos os produtores possuem estes equipamentos. Um fator importante é que todos são proprietários destes itens e trabalham com inseminação artificial,

E mais, observou-se que sempre um dos membros da família tem curso de inseminação, o que diminui os custos com contratação.

**Tabela 1 – Padrão tecnológico-uso de equipamentos**

<b>Equipamentos</b>	<b>Produtor 1</b>	<b>Produtor 2</b>	<b>Produtor 3</b>
<b>Resfriador à granel</b>	sim	sim	sim
<b>Ordenhadeira mecânica</b>	sim	sim	Sim
<b>Transferidor</b>	sim	sim	Sim
<b>Trator</b>	sim	sim	Sim
<b>Vagão forrageiro</b>	sim	sim	Sim
<b>Picadeira</b>	sim	sim	Sim
<b>Arado</b>	sim	sim	Sim
<b>Roçadeira</b>	sim	sim	Sim
<b>Balança para gado</b>	sim	sim	Sim
<b>Equipamentos de inseminação</b>	sim	sim	Sim
<b>Equipamentos de irrigação</b>	não	não	Não

Através da tipologia dos produtores de leite do Rio Grande do Sul sugeridas por Gehlen (2000) os produtores de leite do município de Itaqui pesquisados podem ser classificados como modernos não convencionais, conforme especificada na metodologia do trabalho. O que permite classificá-los como tal é o fato desses produtores apresentarem características, tais como: estarem consolidados, ou seja, todos já tem um tempo mínimo de cinco anos na atividade. Se identificarem e possuem uma racionalidade como produtores de leite, sua produção está dentro da produtividade considerada como padrão dentro de sua região que é de 2.000 a 4.500 litros de leite/vaca/ano (EMBRAPA, 2005). A produção do leite é estratégica para estes produtores, pois eles utilizam toda a força de trabalho e a maior parte do seu tempo é empregado na atividade leiteira e, reinvestem a maior parte do capital na nesta atividade.

Também é válido comentar que todos os produtores trabalham com duas raças de gado leiteiro, Jersey e Holandês (Tabela 1). Todos os produtores recebem assistência técnica especializada em seus rebanhos, de médicos veterinários contratados, e com o suporte técnico da EMATER-ASCAR/RS e da própria empresa captadora de leite a Brasil Foods. Por enquanto, nenhum dos produtores de leite pesquisados no município de Itaqui possui

equipamentos para irrigação de pastagens para o gado, mas todos eles investem em plantio de pastagens em suas propriedades, tanto de inverno como de verão. No que se refere ao padrão tecnológico, buscam através do melhoramento genético animais de raça pura (Jersey e Holandês). Por outro lado, embora os equipamentos utilizados e suas instalações nem sempre sigam o padrão tecnológico exigido, são adaptadas as suas propriedades e a realidade de cada um, sua força de trabalho é qualificada para a produção de leite, a alimentação dos animais é balanceada e controlada de acordo com critérios que levam em conta o equilíbrio energético da própria unidade de produção. Na Tabela 2, pode-se observar alguns itens que comprovam que as famílias detém os meios para a produção, dentro da tipologia proposta e do sistema de produção.

**Tabela 2 – Características dos estabelecimentos**

<b>DESCRIÇÕES</b>	<b>Produtor 1</b>	<b>Produtor 2</b>	<b>Produtor 3</b>
<b>Tamanho da área ocupada para o leite. (há)</b>	80 ha	83 ha	70 há
<b>Total cabeças de gado leiteiro</b>	108	230	48
<b>Total de vacas ordenha</b>	26	100	16
<b>Leite comercializado</b>	Toda a produção	Toda a produção	Toda a produção
<b>Principal produto produz.</b>	Leite	Leite	Leite
<b>Raças de gado leiteiro</b>	Jersey e holandês	Holandês	Holandês
<b>Cuidados com o gado leiteiro</b>	Vacinação (carbúnculo, aftosa, brucelose, raiva). Vermifugação, controle carrapato, tuberculose.	Vacinação(carbúnculo,aftosa, brucelose, raiva. Vermifugação, controle carrapato, tuberculose.	Vacinação(carbúnculo,aftosa, brucelose, raiva. Vermifugação, controle do carrapato, tuberculose.
<b>Adubação solo</b>	sim	sim	Sim
<b>Análise de solo</b>	sim	sim	Sim
<b>Sementes selecionadas</b>	sim	sim	Sim
<b>Silagem</b>	não	sim	Não
<b>Outros alimentos para o gado</b>	Cana de açúcar, concentrado, capim.	Concentrado (ração comercial)	Não
<b>Complementação mineral</b>	Sim, sal mineral	Sim, sal mineral	Não
<b>Planejamento das parições</b>	sim	sim	Sim
<b>Tipo de reprodução</b>	Inseminação artificial	Inseminação artificial	Inseminação artificial

Em relação aos sistemas de produção de leite no Brasil, de acordo com o modelo elaborado pela Embrapa Gado de Leite (2005), descrito na metodologia desse trabalho, todos os produtores de leite do município de Itaqui estão enquadrados no sistema intensivo a pasto, visto que, de acordo com a caracterização deste sistema de produção, a produtividade média por vaca ordenhada é de 2.000 a 4.500 litros de leite por ano, e os animais são criados a pasto com forrageiras de alta capacidade de suporte, com suplementação volumosa na época de menor crescimento do pasto e, em alguns casos, durante o ano todo.

#### 4.1 Percepções dos produtores sobre a cadeia do leite em Itaqui

Todas famílias pesquisadas estão otimistas e com grandes perspectivas de crescimento, visto que segundo eles, a dez anos atrás a produção de leite era totalmente informal e feita somente dentro do município, sendo que, as exigências sanitárias eram praticamente nulas (não havia fiscalização). Outro fator de grande relevância é que todos os produtores entrevistados concordam que as exigências sanitárias não foram fator de relevância na hora de começar na atividade ou a parar com a mesma, e sim, serviram apenas para uma adequação sanitária e de qualidade no leite, que lhes assegurou um melhor pagamento pelo produto, e também a sua comercialização. Todos concordam que estar dentro das conformidades exigidas é uma vantagem na hora da venda, pois seu produto pode ser comercializado a preços melhores. Tal fato demonstra que não existe cobrança de forma efetiva por parte dos órgãos de fiscalização e regulamentação no município.

Os produtores divergem quanto às razões para a permanência dos produtores de leite na atividade, dois entrevistados acham que a baixa produtividade é a principal razão da desistência de produtores da bacia leiteira, já outro entrevistado acrescenta que o preço baixo e as exigências de qualidade seriam também relevantes.

Mas, como todos os produtores tem intenção de aumentar seu plantel, adquirindo mais animais presume-se que os produtores pretendem não só permanecer na atividade, mas também, ampliá-la. Todavia, devido ao espaço físico limitado em suas propriedades tem-se um teto, ou seja, um limite de animais que suas propriedades suportam e conseqüentemente um limite de produção a alcançar.

Ao saberem que o Rio Grande do Sul ocupa hoje a segunda colocação em produção de leite no Brasil e a estimativa é de atingir a primeira colocação para o próximo ano, todos foram unânimes em dizer que isto somente vai corroborar para que mais produtores invistam ainda mais na atividade, melhorando a qualidade de vida de muitas famílias da zona rural, e a migração de mais empresas do setor, para a região. Mas, segundo os três entrevistados, o fator negativo na hora de investir na atividade leiteira é risco, visto que é necessário hoje um investimento inicial elevado para atingir os níveis de qualidade exigidos pela empresa captadora de leite. O fator positivo na hora de investir na atividade leiteira salientado é o equilíbrio nas relações de poder estabelecidas com a indústria, já que o agricultor teria aumentado sua capacidade de barganha do produtor frente às empresas captadoras de leite.

## 4.2 A visão das organizações públicas e privadas envolvidas com a produção de leite no município

Para este trabalho foram entrevistados representantes da Secretaria de Agricultura do município de Itaqui, da EMATER-ASCAR/RS e da empresa privada Brasil Foods. Quando interpelado sobre a atuação junto aos agricultores o representante da EMATER afirmou que atualmente a empresa atende as demandas dos produtores de leite que já estão em atividade, com visitas e acompanhamento técnico, de acordo as necessidades dos agricultores e trabalhando aspectos elencando as prioridades.

Já o representante da Secretaria da Agricultura Municipal ressaltou que deu todo o apoio necessário para a criação da Associação de Produtores de Leite de Itaqui (APLI) e que dispõem de equipe técnica aos produtores, promovendo reuniões, cursos e seminários na área, Além disto, resalta que os produtores procuram a prefeitura, especialmente para a realização de vacinas. A Secretaria Municipal de Itaqui afirma que está otimista, mesmo após a última crise enfrentada pelo setor, na qual o mercado leiteiro sofreu com as políticas econômicas de importações (principalmente do Mercosul) que desembocou uma crise no mercado que atingiu produtores e indústrias e que desestimulou boa parte dos produtores. Esse otimismo está relacionado ao acesso de verbas advindas do governo federal (programas estruturantes como, por exemplo, o Pronaf Investimento) e salienta que para atender a demanda a secretaria está reestruturando em seu quadro técnico, para poder atender eficientemente os produtores na atividade e, prospectar novos interessados.

Conforme ressaltou o técnico da *Brasil Foods*, a mesma investe em “seu” produtor com programas criados pela própria empresa como programas de qualidade (Pró-Quali). Neste programa, a empresa paga mais pela qualidade apresentada pelo produto, também trabalha com o fornecimento de insumos através de programas do Clube do Produtor de Leite, com preços dentro do mercado e com condições aceitáveis, além disto, ainda desenvolve o programa do leite através de gestão de propriedades. A *Brasil Foods* destaca que proporciona ao seu produtor cursos e treinamento no intuito de elevar o padrão de qualidade do produto.

Quando questionado sobre os problemas relacionados a cadeia do leite, as organizações apresentam perspectivas diferentes. Para a Secretaria da Agricultura e EMATER o que ainda ocorre é uma escassez de recursos financeiros voltados para a atividade leiteira aqui no município (observa-se aqui um contradição no que se refere a opinião do representante da secretaria relativo ao acesso de recursos). Já a EMATER salienta existe falta de infraestrutura, problemas culturais e falta de mão-de-obra. Para a indústria, as maiores

dificuldades estão relacionadas às distâncias percorridas, estradas intransitáveis e a forte concorrência regional com o plantio de arroz e o gado de corte.

A indústria Brasil Foods e a EMATER concordam que para o município atingir uma maior adesão na atividade leiteira é preciso qualificar a mão-de-obra e estimular a diversificação de culturas dentro das propriedades. A Secretaria complementa que falta um trabalho de prospecção de empreendedores que apostem e invistam na atividade leiteira do município.

A falta de informação é outro ponto relevante. A indústria, *Brasil Foods*, comenta que houve uma grande melhora frente a outros tempos, que os agricultores estão se profissionalizando, mas afirma que muita coisa ainda precisa ser feita, principalmente na questão cultural, muitos agricultores não vislumbram na atividade leiteira uma cultura de destaque, e que a empresa está focada e vêm dando suporte para o crescimento do setor leiteiro na região, como por exemplo, implantando nas propriedades programas de gestão e qualidade. A Secretaria afirma que está fazendo sua parte ao levar a informação acerca da atividade leiteira para a comunidade. Já a EMATER não acredita que a informação não seja um fator limitante para a adesão de mais produtores na atividade.

Os entrevistados vislumbram na atividade leiteira perspectivas muito favoráveis para o desenvolvimento da região e município, a Secretaria da Agricultura afirma que ainda é uma das poucas regiões com áreas disponíveis para a produção de leite à pasto. Um trabalho em conjunto e contínuo para vencer os obstáculos advindos da atividade é uma das alternativas sugeridas pela EMATER.

A maior transformação ocorrida no setor nos últimos tempos para a Secretaria da Agricultura Municipal é a remuneração do setor hoje estar mais focada na qualidade do produto e não somente no volume de leite entregue nas empresas. A Indústria concorda com esta opinião, mas complementa que a qualidade para ser obtida necessita de alimentação adequada pra o gado o que hoje é um grande problema pelo custo que onera. A EMATER julga que a transformação mais importante é a valorização da atividade e do produto através de políticas públicas adequadas.

Secretaria da Agricultura de Itaqui e EMATER afirmam que as políticas públicas para o setor são adequadas visto que o intuito é incentivar a atividade leiteira, já a indústria questiona alguns pontos como as importações que afetam diretamente nos preços do produto, beneficiando empresas que não possuem políticas específicas de pagamento por qualidade. A possibilidade do Rio Grande do Sul se tornar o estado com maior produção leiteira do Brasil, na opinião da Secretaria Municipal seria uma maneira de diversificar outras culturas

produtivas dentro das propriedades rurais do município de Itaqui, a EMATER concorda e diz ainda que seria uma forma de incentivo para que os produtores já em atividade invistam ainda mais. A indústria tem uma visão mais comercial do setor, vislumbrando a possibilidade de que o aumento de produtividade ajude a diluir os custos de fretes, um dos entraves da produção segundo a BRF. Tanto EMATER, Brasil Foods e Secretaria da Agricultura de Itaqui, concluem que é preciso investir mais na região, seja com políticas públicas ou privadas, aproveitando o potencial da região para a atividade leiteira.

## **5. Considerações Finais**

O contexto agronegocial impõe a necessidade de constante atualização tecnológica e de conhecimento pra qualquer setor relacionado ao agronegócio. Quando se fala em unidades de produção agropecuárias não é diferente, ou seja, os agricultores precisam buscar melhorias contínuas para as propriedades rurais, visando atender as necessidades/exigência do mercado consumidor. Quando se trata de atividades produtivas pouco consolidadas a nível local e regional, como é o caso da produção de leite em Itaqui-RS, as dificuldades são ainda maiores, especialmente no que se refere a estrutura comercial local, seja fornecedores de insumos ou empresas processadoras que adquiram o produto. Ou seja, exige maior capacidade negocial e transacional por parte dos agricultores, ou a probabilidade de menor rentabilidades para estes.

Para a melhoria da economia regional, um dos pontos essenciais é o conhecimento da realidade. Qualquer proposta de intervenção de desenvolvimento só se torna viável se conhecida as características do meio que se visa intervir. Conhecer as particularidades, potencialidades, limitações, etc. é fundamental para um mapeamento das possibilidades de melhoria. Por isso que este estudo possibilitou a caracterização da atual realidade dos estabelecimentos formais da cadeia produtiva do leite no município de Itaqui – RS, enfatizando formas de elevar o potencial econômico das famílias rurais e possibilitando material para estudos futuros.

No caso estudado, ficou evidente que os produtores estão cada vez mais focados na atividade, procurando formas de produzir mais e melhor, procurando assistência técnica, melhoria das condições dos estabelecimentos e da qualidade, aumento de volume, manutenção da comercialização de matéria prima, além da busca por qualificação. Além disso, é evidente a limitação desses agricultores, por estarem em número reduzido dificultando a organização, bem como por não possuírem maiores possibilidades de comercialização do produto, tendo assim, baixo poder de barganha.

## 6. Referências

ALFATIN, I. Curso Regional de Formação Político-Sindical da Região Nordeste, 3., 2007, Brasília. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: Contag, 2007. Disponível em: <<http://www.contag.org.br/enfoc/arquivos/documento/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-alfatin---2007.pdf>>. Acesso mar. 2013.

BAIARDI, Amílcar. Formas de agricultura familiar, à luz dos imperativos de Desenvolvimento sustentável e de inserção no mercado internacional. In: XXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Danilo R. D. Aguiar e J. B. Pinho (orgs), *Anais...* Foz de Iguaçu: SOBER, 1999.

BARBOSA, P. F. Produção de Leite no Sudeste do Brasil. EMBRAPA Gado de Leite. 2003. Juiz de Fora, Minas Gerais. **Informações técnicas – Sistema de Produção 4**. Disponível em: <http://www.cnp.gl.embrapa.br/>. Acesso em: 2 fev.2013.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio 2010/2011 a 2020/2021**. Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/PROJEcoes%20DO%20AGRONEGOCIO%202010-11%20a%202020-21%20-%202010\\_0.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/PROJEcoes%20DO%20AGRONEGOCIO%202010-11%20a%202020-21%20-%202010_0.pdf)> . Acesso em 4 de fev. de 2013.

CARVALHO, G. C. A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro. EMBRAPA Gado de Leite. 2010. Juiz de Fora, Minas Gerais. **Circular Técnica**. Disponível em: [http://www.cnp.gl.embrapa.br/nova/livraria/abrir\\_pdf.php?id=26](http://www.cnp.gl.embrapa.br/nova/livraria/abrir_pdf.php?id=26) . Acesso em: 5 fev. 2013.

COREDES. Conselhos Regionais de Desenvolvimento. Disponível em: <[http://www.participa.rs.gov.br/conteudo.php?cod\\_menu=33](http://www.participa.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=33)> Acesso em 23 Mar. 2013.

DOSSIN, M. C. Agronegócio do leite: caracterização dos sistemas produtivos e especialização da atividade no município de Ronda Alta (RS). 2010. 48f. **Monografia** (MBA em Gestão do Agronegócio). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

EMATER/RS. “**Pecuária familiar**” na região da campanha do Rio Grande do Sul: **definições e estratégias**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2003. (Série Realidade Rural; V. 34).

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Circular Técnica 85**. Sistemas de produção de leite no Brasil, 2005 p1 a p6. FERNANDES, T. A. G.; LIMA, J. E. Uso de análise multivariada para identificação de sistemas de produção. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 26, n. 10, p.1823-1836, out. 1991. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/106184/1/pab32out91.pdf>>.

Acesso em: 25 fev. de 2013.

FERRARI, D. et al. Agricultores familiares, exclusão e desafios para inserção econômica na produção de leite em Santa Catarina. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.35, n.1, jan. 2005. Disponível em <http://www.iea.sp.g-ov.br/out/publicacoes/pdf/tec2-0105b.pdf>. Acesso em: 25 fev. de 2013.

FINAMORE, E.B. M. C et al. Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 2009. Porto Alegre. **Anais...**Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2009.

GEHLEN, I. et al. Os anos noventa e o novo rural: transformações tecnológicas e impactos sobre o desenvolvimento rural no contexto da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. **Relatório Final**. Porto Alegre, RS, 2000.

GOMES, S.T. **Evolução recente e perspectivas da produção de leite no Brasil**. In: **O agronegócio do leite no Brasil**. Brasília: Embrapa Gado de Leite, 2005.

HAIR JR., J. F. **Fundamentos de métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Bookmann, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Notícias. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2>> 1>. Acesso em: 20 Mar. 2010.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução: Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

LOPES, I. V.; **Agricultura familiar: muitos produzem pouco**. Conjuntura Econômica, Rio de Janeiro, n., p.30-35, 01 fev. 2005.

LOPES, A. D. **Caracterização de unidades produtoras de leite da área de abrangência do Escritório de Desenvolvimento Rural de Jaboticabal-SP**, 2007. Disponível em <http://www.fcav.unesp.br/download/pgtrabs/zoo/m/3033.pdf>. Acesso em 11 mar. 2013.

MDA. **Ministério do Desenvolvimento Agrário**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/saf/institucional/legislação>>. Acesso em: 06 mai. 2013.

NAVARRO, Zander. **A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica**. In: Gasques, José G., Vieira Filho, J. E. R, Navarro, Z. (orgs). A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas. IPEA. Brasília. 2010.

OKANO, M. T. **Como a organização dos produtores de leite da região de fatura em uma rede de empresas beneficiou a produtividade leiteira**. In: VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Niterói, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10\\_029\\_1264.pdf](http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10_029_1264.pdf). Acesso em 5 fev. de 2013.

OLIVEIRA, S. M. de. et al. Pequeno produtor na cadeia produtiva do leite: experiências de cooperação, incorporação de tecnologia e aquisição de competitividade. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 2005. Ribeirão Preto. **Anais...**Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2005.

PELLINI, T. et al. Agricultura familiar: pecuária leiteira como lócus das políticas públicas paranaenses. In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural. 2007. Londrina. **Anais...**Londrina: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2007.

PRODUTOR 1 [Entrevista realizada em março de 2013.]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

PRODUTOR 2 [Entrevista realizada em março de 2013.]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

PRODUTOR 3 [Entrevista realizada em março de 2013.]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

PRODUTOR 4 [Entrevista realizada em março de 2013.]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

REPRESENTANTE DA EMPRESA BRASIL FOODS [Entrevista realizada em abril de 2013]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

REPRESENTANTE DA EMATER/ASCAR [Entrevista realizada em abril de 2013]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

RIBEIRO, C. M. **“Pecuária familiar” na região da campanha do Rio Grande do Sul: definições e estratégias.** Bagé: EMATER – RS, 2001. 26 p.

ROESCH, S. M. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração:** guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudo de caso. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências sociais**, São Paulo, v.18, n.51, p.99-121, 2003. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA DE ITAQUI [Entrevista realizada em abril de 2013]. Entrevistadora: Raquel D' Almeida Berro. Itaquí. RS. 2013.

TINOCO, S. T. J. **Conceituação de Agricultura Familiar**: uma revisão bibliográfica. CATI. São Paulo. 2011.

WANDERLEY, M. de N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. org. **Agricultura Familiar: realidades e perspectivas**, 3. Ed. Passo Fundo: EDIUPF. 2001.